



DESENVOLVIMENTO DE INSTRUMENTOS PARA MENSURAÇÃO DO MACHISMO E ATITUDE FRENTE AO ESTUPRO

Ana Karolyne Florencio Amorim, Francicléia Lopes Silva, Ícaro Da Silva Gomes, Raysla Sabrina Pereira Saraiva e Marcelo Xavier de Oliveira.

Faculdades Integradas de Patos

RESUMO: Analisar o machismo é ater-se a questões culturais, relações de poder e estruturas sociais e políticas. Ele expressa-se na forma de um conjunto de crenças, atitudes e condutas sobre a superioridade masculina. Essas condutas podem estar expressas de formas “veladas”. As consequências desta cultura são inúmeras, desde a desigualdade social a construção de papéis de gênero. Uma destas consequências é também o estupro, um assunto pouco estudado no nosso país e que necessita de visibilidade tanto com o propósito de conhecimento como de intervenção a este tipo de agressão.

Palavras-Chave: Machismo, Gênero, Violência Sexual, Estupro, Instrumento.

INTRODUÇÃO:

O machismo expressa-se na forma de um conjunto de crenças, atitudes e condutas sobre a “superioridade” masculina (CASTÁNEDA 2002, 2007 apud RODRIGUEZ, RODRIGUEZ e RAMIREZ, 2010) de uma ênfase a características masculinas (GIRALDO, 1972). Isso reflete em uma gama de comportamentos masculinos que correspondem à liberdade sexual, a crença na superioridade masculina, proteção à mulher que é julgada como indefesa, agressividade, tendência a não expor emoções brandas, etc. Em contrapartida, a mulher é relegada à comportamentos de servidão, submissão, obediência e inibição da

sexualidade (GIRALDO, 1972). Desta forma, percebe-se que analisar o machismo é compreender como o gênero alicerça as dinâmicas sociais.

Ligada ao machismo está a conduta sexista, que se caracteriza como uma discriminação ou atitude prejudicial dirigida às mulheres devido a crença da inferioridade feminina (CAMERON en MOYA & EXPÓSITO, 2001, apud RODRIGUEZ, RODRIGUEZ e RAMIREZ, 2010). Percebe-se que essas duas formas de atitudes, tanto as machistas, como as sexistas, visam manter o poderio masculino e garantir o controle sobre as mulheres (RODRIGUEZ, RODRIGUEZ e RAMIREZ, 2010).



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Essas condutas podem estar expressas de formas veladas, denominadas por Bonino (2004, apud RODRIGUEZ, RODRIGUEZ e RAMIREZ, 2010) como micromachismos, que não são práticas extremadas do machismo, mas sim, práticas sutis que passam despercebidas. Isso explica porque até as mulheres apresentam condutas machistas e/ou sexistas.

Minayo (2005), analisa o machismo pelo viés pós-moderno, relacionando-o com a saúde do homem, onde este, por sentimentos de viver momentos de prazer, arrisca-se mais, acarretando assim os números superiores de mortes em relação à acidentes quando comparados à mulher. A autora aponta dois instrumentos, relacionados à pós-modernidade que causam esse fato: o carro, símbolo da potência e a arma de fogo. Nessa reflexão há também a associação dos atos de estupro à crença machista do “instinto” sexual masculino que enxerga na vítima um objeto, que mesmo dizendo um “não”, é interpretada como um verdadeiro sim e parte da sedução.

Desta forma, o estupro pode ser considerado um reflexo da violência de gênero acarretada pelo machismo (CERQUEIRA & COELHO, 2014). Baseados no machismo, perpetuam-se mitos acerca do estupro que servem para negar e justificar o estupro cometido por homens contra mulheres (SCARPATI, 2013). É importante ressaltar

que em 2013, o Ipea levantou no âmbito do Sistema de Indicadores de Percepção Social (SIPS), através de um questionário sobre vitimização que continha questões sobre violência sexual, que a cada ano no Brasil, 26% da população sofre violência sexual, o que indica que haja anualmente 527 mil tentativas ou casos de estupro consumados no país, dos quais 10% são reportados à polícia. Só em 2012 foram notificados 50.617 casos de estupro no Brasil, de acordo com o Anuário do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) (CERQUEIRA & COELHO, 2014).

De acordo com Porter (1992, apud SCARPATI, 2013) o estupro deve ser entendido como um evento cheio de significados sociais e históricos. Nisto, o machismo insere-se como uma categoria que deve ser mais bem compreendida para que sua correlação com tais tipos de violência sejam visualizadas de maneira tal que guiem reflexões que possam desenvolver intervenções. Uma das formas de estudar tais temas é mensurando tais constructos.

São conhecidas algumas escalas que medem o machismo e atitudes referentes ao estupro: A Escala de Machismo Sexual (EMS- Sexismo -12) (Rodríguez, Rodríguez e Ramirez, 2010), uma escala brasileira de 1977



(Nagelschmitd, Santos e Pereira, 1977), a Double Standard Scale (DSS; Caron, Davis, Halteman y Stickle 1993), a Rape Supportive Attitude Scale (RSAS; Lottes, 1991) e o Inventário de Masculinidade e Feminilidade (Imafe; Lara, 1993).

A primeira era composta inicialmente por 24 itens e após passar pela análise de consistência interna foram recodificados 14 itens. Esses itens passaram por mais uma análise, encontrando-se resultados inadequados em 12 itens, com pontuação mínima de 12 e máxima de 60. Foi elaborada através do conceito de machismo de Castañeda (2002, 2007) e apresentou, em sua versão reduzida o valor de alfa de Cronbach de 0,91 e correlação forte em todos os itens.

A segunda escala foi elaborada a fim de analisar a modernidade através do conceito de machismo. Para construção do instrumento, foram realizadas entrevistas com mulheres e identificadas áreas sobre a modernidade feminina. Por fim, o tema eleito principal foi o machismo. Dos 50 itens

iniciais analisados em sua consistência interna, 17 apresentaram coeficientes acima de 0,40, sendo estes itens selecionados para compor a escala.

A terceira escala consta de 10 itens em escala do tipo Likert e permite avaliar a dupla moral em torno da sexualidade e tem um consistência interna de 0,72. A quarta é composta por 20 itens e avalia crenças acerca da violação, dos violadores e suas vítimas com escala também do tipo Likert e tem elevada consistência interna (0,91). Tem um fator predominante que explica a maior porcentagem de sua variância total.

O Inventário de Masculinidade e Feminilidade é composto por 4 escalas do tipo Likert referentes à masculinidade, feminilidade, machismo e submissão, cada uma composta por 15 itens.

Este projeto tem como objetivo desenvolver Instrumentos para avaliação do Machismo e Atitudes de Apoio frente ao Estupro. A necessidade de se desenvolver



medidas para a mensuração dos elementos do Machismo e Atitudes de Apoio frente ao Estupro no contexto brasileiro se dá pela escassez de estudos que buscam avaliar estes fenômenos que se entrelaçam e demandam esforço de um corpo de conhecimento para posteriores intervenções.

MÉTODO:

A presente pesquisa tratou-se de um estudo de campo, descritivo, correlacional de abordagem quanti-qualitativa. A pesquisa será realizada em uma universidade particular e outra pública do município de Patos, Paraíba. A pesquisa será realizada com uma amostra de 300 estudantes universitários de ambos os sexos, com idades entre 18 e 80 anos, por meio de amostragem não probabilística por conveniência.

Serão incluídos estudantes universitários que concordarem em participar da pesquisa, e que tinham faixa etária de 18 a 80 anos. Serão excluídos os indivíduos com idade menor que 18 e maior que 80 anos e que não sejam universitários.

Serão realizadas com a finalidade de levantar os aspectos referentes a expressão do machismo e das atitudes de apoio frente ao estupro, entrevistas semi-estruturadas. Os

instrumentos foram compostos por itens adaptados e elaborados a partir de instrumentos levantados na literatura internacional como a Escala de Machismo Sexual (EMS-Sexismo-12) (Rodríguez et al., 2010), da Double Standard Scale (DSS; Caron et al., 1993) da Rape Supportive Attitude Scale (RSAS; Lottes, 1991) e a Escala de Modernidade Individual (NagelSchmidt, Santos & Pereira, 1977). Além dos itens adaptados, serão inseridos itens elaborados a partir da operacionalização dos construtos propostos, e do levantamento realizado por meio de entrevistas. Inicialmente será realizado um primeiro contato com o (a) diretor (a) da instituição, apresentando-lhe os objetivos da pesquisa. Depois de recebida a autorização oficialmente assinada pelas instituições e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinado pelos pais/responsáveis pelos estudantes. Após a assinatura do TCLE pelos estudantes será realizada a aplicação dos instrumentos.

A aplicação dos instrumentos ocorrerá em sala de aula, mediante a autorização do professor e da instituição, com duração média de 40 minutos. Os estudantes serão informados a respeito dos procedimentos éticos e do sigilo dos participantes, sendo também informados sobre os objetivos da pesquisa, do anonimato e sigilo das



informações e sobre a possibilidade de desistência a qualquer momento, sem que isso implique qualquer tipo de prejuízo, sendo a sua participação era voluntária.

Para os processos de adaptação dos itens referentes ao questionário de avaliação do machismo e ao questionário de atitudes de apoio frente ao estupro será utilizado o modelo de adaptação transcultural proposto por Beaton, Bombardier, Guillemin e Ferraz (2000), o qual prevê as seguintes etapas metodológicas: tradução, retrotradução, revisão por um comitê de peritos e pré-teste.

Esta etapa é apontada como importante para a equivalência transcultural. Aqui, o comitê deve ser constituído por peritos em metodologia, peritos da área de conhecimento pertinente à medida, profissionais de línguas estrangeiras e os tradutores participantes no processo de tradução e retradução.

Este comitê tem a função de rever todas as versões de tradução, além da versão original, examinar o instrumento a partir das seguintes qualidades: equivalência semântica (significado das palavras, dificuldades gramaticais), equivalência idiomática (coloquialismo, (in)existência de sentido no idioma), equivalência experiencial ((in)existência de equivalência entre ações cotidianas, como na utilização de um objeto), e, equivalência conceitual (manutenção de

conceitos empregados nas palavras). O comitê de peritos deve analisar opções de respostas, itens e instruções contidas no instrumento.

Os dados oriundos das entrevistas serão analisados a partir do procedimento de análise de conteúdo temática (Bardin, 2010). Já os dados referentes ao questionário biosociodemográfico, o questionário de avaliação do machismo, o questionário de atitudes de apoio frente ao estupro serão avaliados a partir do Pacote Estatístico para as Ciências Sociais (SPSS) para Windows – versão 19.0. Para a verificação das propriedades psicométricas dos questionários será efetuada a análise fatorial exploratória – análise dos eixos principais – (critérios de *Kaiser e Cattell*), além da análise paralela (critério de *Horn*) para conhecer a estrutura fatorial dos itens inseridos na análise, enquanto que, para a verificação da confiabilidade das escalas componentes dos questionários se utilizará do índice de alfa de *Cronbach* (Hair, Black, Babin, Anderson & Tatham, 2009).

REFERÊNCIAS:

CERQUEIRA, D.; COELHO, D. S. C: Estupro no Brasil: uma radiografia segundo os dados da Saúde. *IPEA: Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada*. 11, 1-30. 2014.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

CRUZ, M. R. M; De los habitus ao femichismo: reproducción de conductas machistas em mujeres de Cochabamba. *Punto Cero*. 24, 18-30. 2012.

GIRALDO, O: El machismo como fenómeno psicocultural. *Revista Latinoamericana de Psicología*. 4(3), 295-309. 1972.

MINAYO, M. C. S: Laços perigosos entre machismo e violência. *Ciência & Saúde Coletiva*. 10(1), 18-34. 2005.

SCARPATI, A. S: Os mitos de estupro e a (im)parcialidade jurídica: a percepção de estudantes de direito sobre mulheres vítimas de violência sexual [Dissertação de Mestrado]. UFES. 1-202. 2013.

RODRÍGUEZ, C. L. D; RODRÍGUES, M. A. R.; RAMÍREZ, M. T. G: Escala de Machismo Sexual (EMS-Sexismo-12): diseño y análisis de propiedades psicométricas. *SUMMA Psicológica*. 7(2), 35 -44. 2011.

VENTURI, G; GODINHO, T: Entre público, privado e político: avanços das mulheres e machismo velado no Brasil. *Cadernos de Pesquisa*. 44(151), 228-247. 2014.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES



www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br